

A WEB NA SALA DE AULA: Desafios para o educador

Adriana Dias (UNICAMP)⁴³

Com o advento das novas tecnologias, em todos os setores da vida humana percebeu-se grandes modificações. Todos nós estamos aprendendo a conviver com um novo cenário, e os desafios que se apresentam, dinâmicos, exigem mudanças todos os dias na nossa maneira de buscar e transmitir o conhecimento. Esta nova dinâmica já recebeu o nome de sociedade informacional, de redes⁴⁴. Estes nomes surgiram pelo importante papel que a informática e a transmissão de dados por meio de computadores, ligados em redes, ocupam no mundo contemporâneo.

Em uma sociedade estruturada na forma de redes, o conhecimento se difunde de maneira diferente, conectando pessoas, governos e instituições diversas, e isso muda a forma, também, de pensarmos as próprias estruturas da educação: esta vivenciou essas mudanças em vários aspectos: desde o uso dos computadores e sistemas de dados para registro de alunos, currículos e avaliações, passando pela elaboração de aulas, e ainda, pela utilização dos mesmos pelos alunos, para pesquisas escolares, e em seu lazer, como ferramenta de comunicação, diversão e sociabilidade.

Nunca antes, ferramentas de comunicação, como as que surgiram com as novas tecnologias ocuparam um lugar de tão grande destaque na área educacional. Como afirmou o Professor Ismar Soares⁴⁵:

“Não haverá melhoria na educação nos próximos anos se o sistema educativo não se preocupar com o universo da comunicação. Sabendo que na comunicação, os educadores terão sempre aliados. Acredito que é justamente essa tônica da sociedade contemporânea dos comunicadores colocarem à disposição dos educadores para colaborar, isso está trazendo e trará benefícios muitos grandes”.

A internet possibilita, do ponto de vista educacional, uma fonte enorme de recursos, mas existem alguns riscos que precisam ser considerados, entre eles, pretendemos abordar três aspectos desafiadores da web na vida escolar.

O primeiro deles reside no fato dos professores se sentirem, algumas vezes, menos hábeis para lidar com a informação online que seus alunos. Em vários cursos de formação de professores, eu ouvi queixas a respeito. Muitos falavam como se pertencessem a outro mundo ou outra época. Uma frase muito repetida a esse respeito aparece nos discursos de muitos presidentes de grandes companhias de informática: “Nós somos migrantes analógicos de um mundo digital”. Esta frase retrata bem a mudança dos paradigmas educacionais, o mundo digital é rápido, acelerado, conectando tudo e todos.

Mas é possível encarar todo esse processo de outra forma, se cada professor olhar esse desafio como uma experiência de troca com seus alunos, porque se por um lado, eles podem se sentir mais à vontade no meio digital, faltam-lhe muitas vezes,

⁴³ **Adriana Dias** é Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Campinas, membro da Associação Brasileira de Antropologia e da Latin American Jewish Studies Association. Desenvolve aplicativos, bancos de dados e sites para WEB desde 1999. Foi colaboradora no Laboratório de Políticas Públicas (LaPPlaNE). Consultora e palestrante na área de Educação e Direitos Humanos, ministrou seminários em diversas instituições brasileiras e internacionais, e cursos para a Secretaria de Educação em Campinas e Vinhedo. Lecionou Psicanálise e Antropologia. O blog da pesquisa pode ser acessado em etnografianovirtual.blogspot.com
Seu e-mail é dias.adriana@gmail.com

⁴⁴ A idéia veio de Manuel Castells, autor de Galáxia Internet e Sociedade em Rede, entre outros livros.

⁴⁵ Ismar de Oliveira Soares é jornalista, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, professor titular da Universidade de São Paulo.

critérios para avaliar fontes de informação e avaliar criticamente aquilo que se lê. O trabalho do professor, na verdade, não diminui, torna-se ainda mais importante, por representar para seus alunos, um crivo quanto a confiabilidade e a segurança da informação.

O ensino, para aproveitar todo o potencial das novas tecnologias e apresentar qualidade, exige do professor que ele se disponha a aprender também, participando de fóruns e comunidades virtuais, nas redes sociais, por exemplo, para conhecer o novo universo de possibilidades que a Internet oferece a seus alunos. Isto fará da sala de aula uma experiência inovadora, aberta, dinâmica e participativa, e trará circunstâncias favoráveis a uma relação afetiva com os alunos que facilite conhecê-los, acompanhá-los, orientá-los.

Um segundo ponto importante, ainda mais desafiador, é a quantidade de material na rede que expõe crianças e adolescentes a riscos. Na internet, é possível encontrar de tudo. Desde discursos que fazem apologia ao suicídio, à anorexia e bulimia, ao crime e à marginalização de pessoas, incluindo, ainda, páginas com conteúdos impróprios para os alunos. O educador deve estar ciente que pode ser abordado por um aluno a respeito desses temas a qualquer momento, e deve ser capaz de oferecer elementos que discutam essas questões, de modo a proteger seus alunos.

Uma matéria muito interessante, a respeito do perigo que a Internet pode representar foi divulgada pela revista Galileu, em abril de 2008, e nesta matéria, em que fui entrevistada, falei a respeito da importância da escola quanto à prevenção do assédio de criminosos, pois pode formar nos alunos a consciência necessária para distingui-los, no meio virtual.

Figura 1 - A capa da revista



Em terceiro lugar, e mais importante, é preciso salientar que o discurso de ódio cresce de maneira abundante na internet, no mundo todo. Dentro desse discurso de ódio, o discurso racista, nazista e negacionista exigem dos educadores um preparo ainda mais específico.

Eu pesquisei este discurso de ódio, na internet, e os grupos que o produzem, desde 2002. Quando eu iniciei a pesquisa, havia pouco mais de 7000 sites desse tipo na rede, entre sites institucionais, blogs, fóruns e comunidades em redes sociais. Durante a pesquisa foram localizados mais de 13 mil sites, dos quais foram escolhidos quarenta para etnografia virtual. Os critérios de escolha para selecionar estes quarenta sites foram: o número de acessos (entre os 800 mais acessados), os que mais links estabeleciam com outros sites, os que eram mais citados em artigos presentes em outros sites (ainda que não houvesse links no artigo), os que disponibilizavam mais material para análise.

O conjunto de sites foi também analisado para que incluísse tanto sites institucionais de movimentos, como também blogs (os mais citados na rede identificada, os com mais material disponibilizado, quer em forma de artigo, quer em forma de gráfico, os que forneciam mais links para outros pontos, ampliando o diâmetro da minha busca), lojas e fóruns (aqueles que possuíam o maior número de participantes e temas mais diversificados). Destas escolhas se estruturou o universo de análise da pesquisa: 40 sites, num total de 468 páginas em blogs (0,11%), 24.371 páginas em sites (5,57%), 449 páginas em lojas (0,10%) e 412.037 páginas em fóruns (94,22%). Embora o volume de páginas seja bastante volumoso pela rede, seu conteúdo é muito repetitivo e a leitura dos posts de algumas dezenas de blogs revelou que em mais de 90% eles reproduzem material dos sites, blogs e lojas, quer divulgando a ideologia, quer discutindo imagens ou charges dos blogs, quer indicando produtos das lojas para outros internautas.

Atualmente, eles passam de 25000, nas línguas que sempre pesquisei (português, inglês e espanhol). Nos últimos três anos, as redes sociais virtuais, como o Orkut, MySpace, o Sonico, explodiram em numero de participantes.

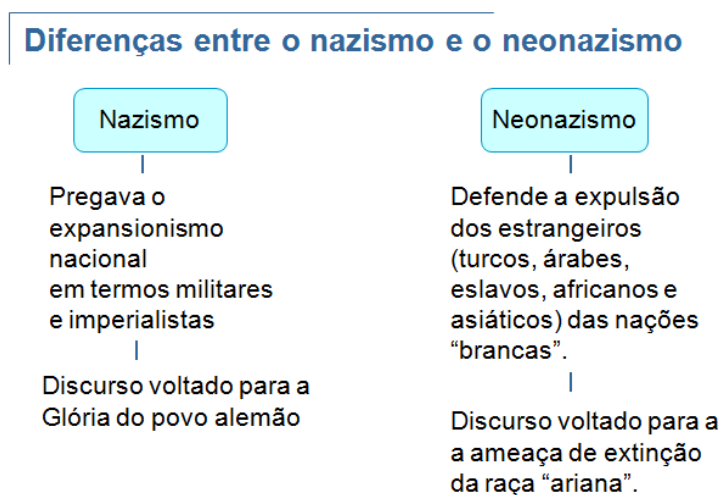
Embora em algumas delas seja proibido a participação de menores de 18 anos, como no Orkut, na pratica há centenas de milhares de crianças e adolescentes nesse tipo de rede social e também em outras que não permitem esse tipo de cadastro. Na verdade, essa proibição surgiu, em razão do grande numero de crimes que acontecem na rede e pela compreensão das autoridades de que jovens e crianças não teriam condições emocionais e cognitivas para reconhecer esse tipo de atividade.

Mas, é preciso se preparar, porque de fato, nas redes sociais, há muito material criminoso, e não há, pelo menos e o que parece, possibilidade de impedir de fato, que adolescentes brasileiros possam navegar na rede.

No geral, essas redes sociais tornaram-se uma forma padrão de comunicar com os amigos e, aliadas aos softwares de comunicação instantânea, ocupam boa parte do tempo livre de nosso publico alvo. Muitas vezes, os jovens ficam horas na rede falando com pessoas que vêem todos os dias, como colegas de sala de aula. O crescimento da web se deve, sem duvida, à enorme possibilidade de troca, dada pela interatividade da ferramenta, que assegura uma postura muito mais ativa do que a oferecida pela televisão, por exemplo.

Essa característica da rede, seu grande diferencial na verdade, não passou despercebido aos grupos subversivos, que vislumbraram nos sites, nas redes sociais e nos fóruns, um grande espaço para desenvolver seu ativismo político. Uma corrente desses movimentos subversivos é formada por grupos neonazistas. Eles são assim denominados porque tentam recuperar a ideologia do partido nazista. Mas, existem algumas diferenças importantes entre nazismo e neonazismo:

Figura 2 - Diferenças Importantes



O neonazismo, o racismo e a negação do holocausto na rede, se estruturaram em paginas que propagam sua ideologia tentando a revestir numa moldura de

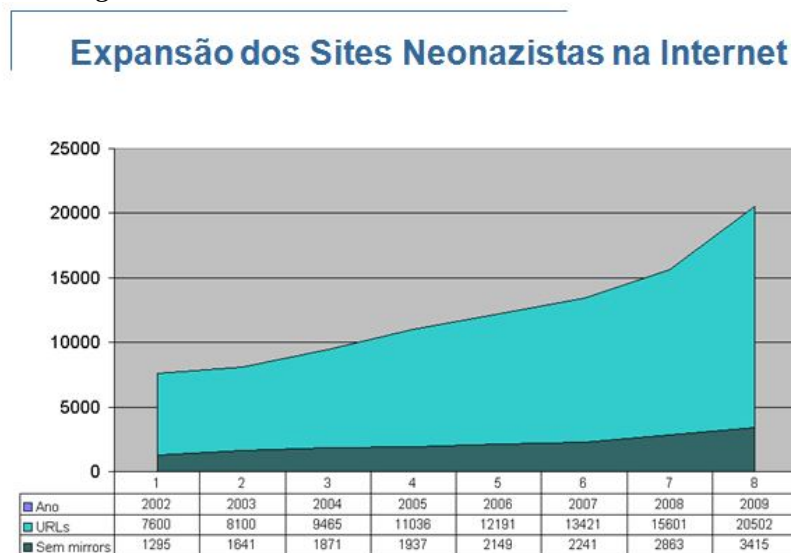
verdade, que só pode ser entendida por poucos e especiais. Desta forma, se envolve o discurso racista, neonazista e negacionista, numa aura de status, que dessa forma que busca a atenção dos jovens.

O discurso elabora uma fórmula, a idéia de raça⁴⁶. Embora não exista, nos dias de hoje, nenhuma base científica para validar o termo raça como realidade social ou biológica, para essas pessoas existem diferenças culturais, sociais, políticas, psíquicas, morais, físicas e comportamentais, entre os seres humanos, de acordo com grupos “raciais”.

É preciso entender, portanto, o que estes sites descrevem quando utilizam o termo raças: seu discurso defende: a) a espécie humana pode ser classificada, em grupos raciais, por traços hereditários, entre os quais predomina a cor da pele; b) a estes traços físicos os racistas associam traços morais, culturais e psicológicos; c) a raça branca ou “ariana” detém superioridade genética sobre todas as outras, se caracterizando pela homogeneização destes traços em todos os seus membros. Partindo destes pressupostos que se pretendem científicos, o discurso racista amplia seus parâmetros para fronteiras éticas: d) para que a “evolução da humanidade” continue, é preciso que a raça “ariana” domine todas as outras e incentive sua auto-reprodução, evitando os perigosos “casamentos inter-raciais”.

Para se ter uma idéia, em apenas um fórum racista, chega a ter mais de 3000 páginas, e em apenas um site é possível baixar mais de 300 livros racistas, o que demonstra que o material oferecido é muito grande em número, diversidade e tamanho. Ainda que não haja estatísticas específicas quanto a crime de ódio no Brasil, as ONG’s que monitoram o tema admitem que eles crescem à casa de oito por cento ao ano, e que os criminosos utilizam sempre a rede para sua formação e sua comunicação com seus comparsas.

Figura 3 – O crescimento dos sites neonazistas na Internet



Recentemente, por exemplo, depois de dia 21 de abril, quando houve o assassinato de dois jovens, Bernardo Dayrell e Renata Waechter, participantes de grupos

⁴⁶ Para a Biologia, o vocábulo raça é sinônimo de subespécie e caracteriza-se pela comprovada existência de linhagens distintas dentro das espécies, portanto, para a delimitação de subespécies ou raças a diferenciação genética é uma condição essencial, ainda que não suficiente. No homo sapiens a variabilidade genética representa 93 a 95% da variabilidade total, nos sub-grupos continentais, o que caracteriza, definitivamente, a ausência de diferenciação genética. Portanto, inexistem raças humanas. Entretanto o termo raça serve para identificar categorias socialmente definidas. Um excelente texto para o entendimento deste último aspecto encontra-se em “Como trabalhar com 'raça' em sociologia, de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, disponível pela Internet em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag>.

neonazistas, foi destaque, na imprensa, a existência destes grupos no Brasil. Neonazistas de outro grupo rival foram presos, acusados do assassinato dos dois jovens, e material neonazista foi apreendido no Rio Grande do Sul, em Minas Gerais e em São Paulo. Por conta disto, houve grande destaque ao tema na imprensa, mas o processo segue, e os jovens acusados, confessos, foram soltos e aguardam o julgamento em liberdade.

O que pregam os neonazistas? Nos sites, neonazistas há uma espécie de “curso intensivo” de intolerância: é dito que a “raça branca” vive um processo de extinção, arquitetado por “judeus” e “negros”. Esses seriam os inimigos, alvos de grande ódio. Os sites de conteúdo neonazista utilizam armadilhas para fugir da fiscalização e, ao mesmo tempo, alcançar internautas desavisados. São páginas dentro de páginas, acessadas por meio de vários links. A isca, para atrair futuros militantes, é abordar temáticas politicamente corretas, como combate à pedofilia e ao aborto. Tais práticas, quando o usuário chega ao portal neonazista, são imputadas a negros e judeus. É uma prática absurda, sem a menor correspondência lógica com a realidade, que só faz sentido dentro da loucura desses grupos, totalmente contrários à luta de 300 anos de garantia dos direitos humanos.

O discurso neonazista nega o Holocausto, afirma que não morreram milhões de pessoas sob o regime de Hitler. De fato, morreram milhões de pessoas, mas para eles, negar é uma forma de defender o uso de violência contra os inimigos, que chamam de “caluniadores”, objetivando implantar o “estado branco” e a expulsão dos inimigos deste estado. Ao negar o holocausto, os sites assassinam a memória das vítimas, o que é muito perverso. Racista e homofóbico, o neonazismo no Brasil acrescenta a seus inimigos também o nordestino. Utilizam-se da suástica, runas e imagens que fazem referência ao nazismo para ilustrar seus sites e perfis na rede. Em sua trama paranóica, oferecem material de ativismo para propagar suas idéias e ensinam a seus membros como ocultar seus crimes. Eles falam dos militares nazistas como heróis e seus textos incitam ao ódio, ao assassinato e ao preconceito.

O ativismo defendido por estes sites pode ser de várias formas:

Figura 4 – Formas de ativismo

Principais formas de ativismo

- Ciberativismo {
 - Recrutamento
 - Divulgação da Ideologia
 - Disponibilização de Material

- Células {
 - Garantia de anonimato para outras células, em caso de prisão
 - Idéia de “clube de luta”

- Lobos Solitários

Nestes sites, que objetivam a exaltação da superioridade da ‘raça’ ariana e à disseminação do ódio a outras etnias e grupos sociais, como homossexuais e judeus, há muito material proibido por lei no Brasil, pois em nosso país racismo é crime. É muito importante alertar aos jovens que não se trata “de uma opinião” ou do uso “da liberdade de expressão”, como tentam discutir os sites criminosos. É crime, e muitos jovens já estão sendo punidos por isto, principalmente os que participam de comunidades racistas no Orkut.

Estes grupos constroem ou se apropriam de discursos para validar suas visões e suas ações. Um deles é o discurso biológico, que afirma que os indivíduos pertencentes à ‘raça ariana’ possuem genes superiores e foram escolhidos por Deus para promover o desenvolvimento da humanidade e hierarquizar o mundo. Nestes sites, os

neonazistas afirmam não possuir mitocôndrias judias ou negras, como se uma mitocôndria pudesse ter origem étnica. Isso não existe!

Os sites também usam muitos elementos religiosos e mitológicos. Por exemplo, o deus nórdico Thor é apontado como o responsável pela legitimação da 'raça ariana', a suástica é usada como símbolo da identidade ariana e da pureza racial e a runa algiz é utilizada para a proteção da família, e muitos rituais são copiados de sociedades secretas do século XIX. Eles ainda desprezam o conceito de nação. Para eles, a raça é a nação.

Mas, o que fazer quando você ou um aluno se depara com um site deste? Como agir? A maior parte dos sites é produzida por pessoas entre 35 a 55 anos, com educação pré-superior ou superior, que pertencem ao movimento há muito tempo. Muitos são treinados em armas, inclusive. Por isso, não adianta ficar discutindo, tentando convencê-los, isso pode ser muito perigoso, porque a grande maioria dos sites têm como localizar o lugar do acesso. O melhor caminho é passar as informações para o site SAFERNET, ou para a pesquisadora Adriana Dias, que encaminharam as denúncias as autoridades.

Lembre-se: A Educação é fator fundamental. Os jovens são arregimentados porque não têm informações. É preciso educar para os Direitos Humanos no Brasil. Se para nós, existe apenas a raça humana, para esses grupos a raça implicaria numa hierarquia, e numa luta permanente. Anacrônica, esta idéia tem encontrado, infelizmente, eco em muitos internautas. Por isso é preciso pensar em propostas que tornem este eco cada vez menos audível, seja em âmbito familiar, educacional, social ou judicial. A única forma de combater a formação do pensamento racista e discriminatório é a construção de uma educação conscientizadora que desmitifique o conceito de raça e pregue a solidariedade entre os povos.

Se para nós, existe apenas a raça humana, para esses grupos a raça implicaria numa hierarquia, e numa luta permanente. Anacrônica, esta idéia tem encontrado, infelizmente, eco em muitos internautas. Por isso é preciso pensar em propostas que tornem este eco cada vez menos audível, seja em âmbito familiar, educacional, social ou judicial. A única forma de combater a formação do pensamento racista e discriminatório é a construção de uma educação conscientizadora que desmitifique o conceito de raça e pregue a solidariedade entre os povos.

Bibliografia Sugerida:

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Vol. I: A sociedade em rede. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____. Vol. II: O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1999.

_____. Vol. III: Fim de milênio. São Paulo: Paz e terra, 1999.

DIAS, Adriana. "Links de ódio: o racismo, o revisionismo e o neonazismo na Internet" In.: Os Urbanitas: Revista de Antropologia Urbana. Campinas, ano 3, vol. 3, no. 4, julho de 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo Como trabalhar com "raça" em sociologia.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517 Acessado em 23/04/09

MILMAN, Luís, VIZENTINI, Paulo et alli. Neonazismo, negacionismo e extremismo político. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2000.

SALAS, Antonio. Diário De Um Skinhead. Um Infiltrado No Movimento Neonazista. São Paulo:Planeta, 2006.

SALEM, Helena. As Tribos do Mal: O Neonazismo no Brasil e no Mundo. São Paulo: Editora Atual, 1995.

SOARES, I. O. . Comunicação e Educação: potencial pedagógico. Revista Onda Jovem, São Paulo, p. 40 - 45, 10 jul. 2007.